

O CONTRADISCURSO  
DO MST À MÍDIA  
HEGEMÔNICA:  
A INVASÃO DA  
FLORESTAN  
FERNANDES



IV SICCAL

[ GT 2 - COMUNICAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE ]

Wagner de Alcântara Aragão

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)*

## [ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]

Este trabalho tem o objetivo de analisar e compreender como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) constrói, nas redes sociais digitais, um contradiscurso à narrativa da mídia hegemônica. Para tanto, optou-se por um estudo de caso: a divergência de abordagem entre o MST (por meio de seu perfil no *twitter*) e a imprensa tradicional sobre uma operação policial na Escola Nacional Florestan Fernandes, mantida pelo Movimento. A análise dialógica do discurso é o escopo teórico-metodológico. Assim, adotou-se a concepção de linguagem dos estudos do Círculo de Bakhtin; de Abramo (2016 [1988]), Intervozes (2011) e Lima (2006) vêm referências em comunicação social e comunicação popular. De Castells (2013 e 2005) e Martín-Barbero (2005), entendimentos acerca das novas tecnologias informacionais e seus impactos nos processos de mobilização popular. A análise levou à identificação de regularidades como reenquadramento de vozes outras, pelo MST, para a construção de um discurso próprio.

**Palavras-chave:** Análise dialógica do discurso. Contradiscurso. MST. Mídia. Twitter.

This article has like objective to analyze and understand how the Movement of landless Rural Workers (MST) builds, in digital social networks, a contradiscourse to the narrative of the hegemonic media. To do so, we opted for a case study: the divergence of focus between the MST (through its Twitter profile) and the traditional press on a police operation at the National School Florestan Fernandes, maintained by the Movement. The dialogical analysis of discourse is the theoretical-methodological scope. Thus, the conception of language of the studies of the Bakhtin Circle was adopted; of Abramo (2016 [1988]), Intervozes (2011) and Lima (2006) come from references in social communication and popular communication. De Castells (2013 and 2005) and Martín-Barbero (2005), understandings about the new informational technologies and their impacts on the processes of popular mobilization. The analysis led to the identification of regularities as reframing of other Voices, by the MST, for the construction of a discourse of its own.

**Keywords:** Dialogical discourse analysis. Contradiscurso. MST. Media. Twitter.

Este trabajo tiene como objetivo analizar y entender cómo el Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) construye, en las redes sociales digitales, un contradiscurso a la narrativa de los medios hegemónicos. Para ello, optamos por un estudio de caso: la divergencia de enfoque entre el MST (a través de su perfil de *twitter*) y la prensa tradicional sobre una operación policial en la Escuela Nacional Florestan Fernandes, mantenida por el Movimiento. El análisis dialógico del discurso es el ámbito teórico-metodológico. Así, la concepción de lenguaje de los estudios del Círculo de Bakhtin fue adoptada; de Abramo (2016 [1988]), Intervozes (2011) y Lima (2006) provienen de referencias en comunicación social y comunicación popular. De Castells (2013 y 2005) y Martín-Barbero (2005), entendimientos sobre las nuevas tecnologías informativas y sus impactos en los procesos de movilización popular. El análisis condujo a la identificación de regularidades como reencuadre de otras voces, por el MST, para la construcción de un discurso propio.

**Palabras clave:** Análisis dialógico del discurso. Contradiscurso. MST. Medios de comunicación. Twitter.

## O contexto dos discursos

---

Novembro de 2018. O Brasil recém elegera novo presidente da República: Jair Bolsonaro, capitão reformado do Exército, deputado federal desde 1991. Com declarações e discursos racistas e homofóbicos na Câmara e em entrevistas à imprensa e programas de entretenimento de televisão, Bolsonaro passou a ganhar notoriedade principalmente a partir de 2011, colocando-se como voz iminente de oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) – com Dilma Rousseff iniciando seu primeiro mandato, àquela altura o PT começava seu terceiro governo consecutivo, depois de duas gestões de Luiz Inácio Lula da Silva. Já àquela época o Observatório da Imprensa<sup>1</sup>, em artigo de Egypto (2011), expunha certa conivência da mídia hegemônica com os arroubos daquele parlamentar. Sete anos depois, Bolsonaro adquiria visibilidade e apoios (sobretudo da elite do dinheiro<sup>2</sup>) suficientes para vencer o pleito eleitoral de 2018, mesmo tendo migrado para um partido nanico, o Partido Social Liberal (PSL). Fundamental registrar, porém, que o grande favorito para aquele pleito – o ex-presidente Lula – esteve impedido de participar das eleições.

Durante a campanha, e mesmo depois de eleito, Bolsonaro e seu grupo de apoiadores atenuaram o discurso racista e

homofóbico, mas não mediram palavras para demonizar movimentos sociais, partidos e lideranças políticas do campo progressista e mobilizações populares de um modo geral. Alvo dessa artilharia esteve o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a quem o presidente eleito e seu grupo classificaram como organização de “terroristas”. Um dos agrupamentos sociais mais respeitados em todo o mundo, responsável por, em seus assentamentos e acampamentos se destacar, entre outras conquistas, pela produção de alimentos orgânicos, o MST historicamente sempre recebeu da cobertura dos meios de comunicação de massa hegemônicos (integrantes da elite do dinheiro, e objeto de oligopólio no Brasil<sup>3</sup>) um tratamento hostil.

Tejera (2012) observa, por exemplo, que desde as primeiras mobilizações que deram origem ao MST, ainda no início dos anos 1980, no Rio Grande do Sul, a cobertura da grande imprensa deixava evidente uma indisposição para com a atuação daqueles trabalhadores. Por sua vez, Intervezes (2011, p. 57) constata que o MST é apresentado na mídia [hegemônica], em regra, “como referência para baderna, violência ou relações de prevaricação com o poder público”. Silva e Souza (2010, online) trazem uma análise da forma como o Jornal Hoje (vespertino de grande audiência, da Rede Globo) aborda notícias relacionadas ao MST, e identificam “eventos em que, de alguma maneira, a imagem do MST parece ser desprivilegiada (...); tom pejorativo dado ao Movimento (...) O discurso é muito próximo com o de reportagens policiais sobre criminosos”. As pesquisadoras acrescentam: “Como sujeito político, o MST que emerge por meio do discurso do Jornal Hoje não é civilizado,

---

1 Conforme descrição disponível em seu próprio site, o Observatório da Imprensa se define como “um veículo jornalístico focado na crítica da mídia, com presença regular na internet desde abril de 1996”. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/sobre/#sobre-historia>>. Acesso em 07 nov. 2018

2 Adotamos o conceito de “elite do dinheiro” de Souza (2015). Refere-se à elite brasileira detentora do poder econômico.

3 Sobre o oligopólio de mídia, nos referenciamos em Lima (2006) e Intervezes e Sem Fronteiras (2017).

incompetente no cumprimento de normas sociais que regem a cidadania e os tempos modernos/pós-modernos (...); ele parte de um lugar em que a ilegitimidade é a regra”.

Por sua vez, o MST nunca aceitou essa situação passivamente. Barbosa (2013) assinala que, desde sua constituição formal, em 1984, o Movimento estabeleceu políticas de comunicação – tanto por meio de veículos jornalísticos, como por meio de outras formas de manifestação e expressão (rádios comunitárias; encontros locais; plenárias; atividades culturais, artísticas e educações; ações de formação etc). Especificamente quanto a mídias, o MST mantém hoje (dezembro de 2018) – entre regulares e esporádicos – os seguintes veículos: Jornal Sem Terra (desde 1984), rádios (locais ou durante grandes encontros/eventos, que remontam à origem do Movimento), Revista Sem Terra, Jornal Sem Terrinha, Página Sem Terrinha (na internet), site ([www.mst.org.br](http://www.mst.org.br)) e redes sociais digitais (*twitter*, *facebook*, *instagram*, *flickr* e *youtube*). Conta ainda com o jornal Brasil de Fato, criado em 2003, que não é exclusivo do MST, mas tem no Movimento o principal colaborador e mantenedor<sup>4</sup>.

Este artigo apresenta uma análise dialógica do discurso (balizamento teórico-metodológico) sobre como o MST constrói, via seus próprios instrumentos de comunicação, justamente um contradiscurso à narrativa da mídia hegemônica – seja sobre o Movimento em si, seja sobre acontecimentos ou assuntos

---

4 O levantamento foi feito pelo autor deste artigo por meio de Barbosa (2013) e mediante consulta ao Setor de Comunicação do MST, para a produção de sua dissertação “Ocupando latifúndios: o contradiscurso do MST à mídia hegemônica”, defendida em fevereiro de 2018, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Resumo disponível em <<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgel/edital-defesas/2018/ppgel-mestrado-wagner-de-alcantara-aragao>>.

relacionados à área de atuação da organização. Para tanto, optou-se aqui por um estudo de caso: os discursos em torno de um evento disparador de enunciados, qual seja este evento a invasão, em 2016, por forças policiais, da Escola Nacional Florestan Fernandes – instituição mantida pelo Movimento em Guararema (SP). O episódio é emblemático, porque escancara divergências elementares nas versões sobre o ocorrido, conforme se notará mais adiante.

Da concepção de linguagem dos estudos do Círculo de Bakhtin extraímos os referenciais para a análise, referenciais os quais serão abordados à medida que a análise propriamente dita estiver sendo explicitada neste artigo.

## O Twitter para a construção de um contradiscurso

---

Como dissemos há pouco, esteve sempre entre as prioridades do MST a manutenção de uma política comunicacional. Tal política, entre outras preocupações, encarrega-se de engendrar um contradiscurso à narrativa historicamente ofensiva ao Movimento, promovida pelos veículos da mídia hegemônica. A partir dos anos 2000, as novas tecnologias da informação e da comunicação viabilizadas pelo estabelecimento da internet passam a ser apropriadas pelo Movimento nesse projeto de *dizer o que não é dito e/ou de contradizer*

---

[utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgel/edital-defesas/2018/ppgel-mestrado-wagner-de-alcantara-aragao](http://utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgel/edital-defesas/2018/ppgel-mestrado-wagner-de-alcantara-aragao).

o que é dito pelos grandes e tradicionais meios de comunicação.

Afinal, como, em síntese, assinalam Galli (2010), Castells (2013) e Martín-Barbero (2005), o ciberespaço - isto é, a comunicação mediada por computador, cujo conteúdo trafega pela internet e suas ferramentas - descentraliza o poder de comunicar. Dessa forma, cada indivíduo, cada organização, cada ator social se constitui, ele próprio, um potencial veículo de comunicação de massa. É dispensada a mediação do jornal, do rádio e da televisão; os empreendimentos de comunicação deixam de ter exclusividade na função social de disseminar notícias, informações, análises, opiniões, pontos de vista.

O MST historicamente sempre se destacou como organização que procurou se constituir como um ator social de comunicação de massa, como já anotava Giannotti (2009 [2004]):

Num exemplo atual de construção de hegemonia, os trabalhadores sem terra têm um amplo leque de atuação. Para chegar à reforma agrária, numa sociedade que acha naturalíssimo perpetuar a Casa Grande e a Senzala, é necessário criar um amplo consenso de sua necessidade a partir de mil instrumentos. Instrumentos de convencimento e de ação. Simultaneamente organizar ações e difundir ideias. (GIANNOTTI, 2009 [2004], p. 156)

Contemporaneamente, entre os “instrumentos de convencimento e ação” utilizados pelo MST estão as novas tecnologias informacionais e comunicacionais. Dentre elas, as redes sociais digitais - e, mais especificamente, o *twitter*. Nota-se que o MST recorre com regularidade a essa rede social

para se enunciar sobre suas bandeiras de luta e, mais que isso, sobre questões diversas acerca da vida política, econômica e social brasileira. Observamos que o perfil do MST no *twitter* é utilizado também - e sobretudo - para, no mínimo, questionar a cobertura jornalística dos meios de comunicação de grandes conglomerados (a “grande mídia”, a mídia hegemônica) e, principalmente, para a construção de um discurso de oposição à narrativa dessa cobertura.

As funcionalidades propiciadas pelo *twitter* favorecem a esse projeto do MST, de dizer o que não é dito e/ou contradizer o que é dito pela mídia hegemônica. Essa rede social digital não está entre aquelas com maior número de usuário no país; entretanto, é regular e intensamente utilizada pelas elites políticas e formadores de opinião (BRASIL, 2014, p. 50). É uma rede adotada por jornalistas, lideranças políticas e sociais, e figuras públicas como intelectuais, artistas, atletas, influenciadores digitais.

O *twitter* completou 12 anos de existência em 2018<sup>5</sup>. Trata-se de um microblog, no qual as mensagens expressas são curtas, constituídas de textos verbais escritos de no máximo 280 caracteres<sup>6</sup>. Composto as mensagens - ou tuítes - não raro estão também outras linguagens, como a visual (fotografia, ilustrações, gráficos) e a audiovisual (vídeos rápidos, geralmente de menos de 1 minuto).

5 Segundo Recuero (2011), o *twitter* foi criado em 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, como um projeto de uma empresa denominada Odeo.

6 Em novembro de 2017, início do desenvolvimento desta pesquisa, o *twitter* aumentou esse limite para 280 caracteres. Até então, eram 140. As postagens analisadas foram publicadas ainda sob o teto de 140 caracteres.

Tomamos como entendimento de redes sociais digitais o apresentado por Recuero (2011). A autora as define como espaços mediados por computador pelos quais indivíduos estabelecem laços, interações sociais. A pesquisadora divide esses espaços – sites – em pelo menos duas categorias: *sites de redes sociais* e *sites de redes sociais apropriados*. Os *sites de redes sociais* propriamente ditos são aqueles “cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicação das redes” (RECUERO, p. 2011, p. 104). Nesse grupo estão, por exemplo, o *facebook*, *linkedin*, e já esteve o *orkut*<sup>7</sup>.

Já os *sites de redes sociais apropriados* são aqueles que originalmente não foram constituídos como redes sociais digitais, mas que foram apropriados pelos atores (usuários) para essa finalidade. O *twitter* faz parte desse grupo, de acordo com a classificação de Recuero (2011). O site surgiu como um microblog, todavia passou a ser utilizado pelos interlocutores desse ambiente como um site de interatividade imediata. Uma interatividade não só caracterizada pela conversa direta, isto é, pela troca de mensagens, ou comentários, entre um e mais participantes de uma conversação. A interatividade é percebida também pelo constante compartilhamento de conteúdos entre os perfis nas redes – prática essa chamada de “retuíte”, que é quando um usuário replica o tuíte de um outro perfil.

---

7 Criado em 2001 por Orkut Buyukkokten, o site de rede social foi lançado em 2004 pelo Google, quando imediatamente se expandiu (RECUERO 2011). Em julho de 2014, já preterido por outras redes sociais, foi tirado do ar.

Outra característica inerente a essa rede social digital, e grande marca dela, é a linha do tempo (*time line*, ou *TL*, como é chamada entre os usuários) em ordem cronológica. Ao contrário de outras redes sociais digitais mais massificadas - como *facebook*, *instagram* e *youtube*, nas quais o conteúdo apresentado ao usuário segue uma ordem relativamente aleatória (baseada nas preferências de tema, opinião, gostos do perfil; transformados em algoritmos) -, na *TL* do *twitter* de um determinado usuário o conteúdo exibido segue uma ordem do mais recente para o menos recente. Isso estimula a discussão, nessa rede social digital, em torno de assuntos mais factuais, imediatos. Essa instantaneidade favorece a circulação de conteúdos de forte carga jornalística, conforme se atestará no caso estudado neste artigo.

## A invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes

---

Diante das características do *twitter* que citamos anteriormente, o MST lança mão de tal tecnologia para, entre outros propósitos, construir um discurso que se opõe à narrativa da mídia hegemônica sobre vários episódios. Entre esses episódios, esteve o da invasão, por agentes policiais, da Escola Nacional Florestan Fernandes<sup>8</sup>. A invasão ocorreu na manhã de 4 de novembro de 2016, e foi resultado de uma operação – batizada de “Operação Castra” – desencadeada por um *pool* de forças policiais

---

8 A Escola Nacional Florestan Fernandes é uma unidade de ensino mantida pelo MST no município de Guararema (SP), fundada em 2005. É hoje referência para movimentos populares de todo o mundo.

de três Estados – além de São Paulo, envolveu Mato Grosso do Sul e Paraná<sup>9</sup>.

Identificamos acerca desse evento um conjunto de enunciados (postagens, notícias) divergentes em relação ao ocorrido. É explícita a diferença de narrativa do episódio feita por veículos de comunicação tradicionais e a feita pelo MST, via seu perfil no *twitter*. A comparação entre um e outro conjunto de enunciados (meios de comunicação tradicionais *versus* meios do MST) nos ajuda a identificar: i) o discurso recorrente nos meios tradicionais, hegemônicos, sobre o MST ou questões que tenham alguma relação com o Movimento; ii) o discurso do Movimento, que vem a ser um contradiscurso àquele produzido pela mídia hegemônica.

Assim, antes de trazermos a análise dos enunciados/postagens feitos pelo MST, imprescindível lembrar como sites jornalísticos de empresas de comunicação tradicionais discursaram sobre o acontecimento. Selecionamos os sites dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo, ambos privados, e os de maior circulação e tradição no país; o portal G1, pertencente às Organizações Globo, maior conglomerado privado de veículos de comunicação do Brasil; e ainda da Agência Brasil, agência de notícias da Empresa Brasil de Comunicação (EBC, estatal do governo federal). Não consideramos a Agência Brasil, tampouco a

EBC, como fazendo parte da mídia hegemônica. Foi incluída na pesquisa porque o conteúdo da Agência Brasil é fonte para jornais e sites de notícias de todas as partes do país. O noticiário ali publicado pode ser veiculado livremente por qualquer meio de comunicação – privado, estatal, público, comunitário ou alternativo. Ou seja, o conteúdo da Agência Brasil tende a reverberar e constituir o discurso hegemônico.

No quadro a seguir (1), é apresentado um resumo de como cada um desses sites citados noticiou o episódio. Dos quatro sites listados, o primeiro a noticiar foi o da Folha de S. Paulo (12h08). O horário é anterior ao da versão dada, às 12h22, pelo MST (quadro 2). Já a matéria do G1 foi ao ar às 15h11; a do Estado de São Paulo (Estadão), por sua vez, às 16h20. O texto da Agência Brasil foi publicado às 17h55. Ou seja, com exceção da matéria da Folha de S. Paulo, todas as demais vieram depois que o MST já tinha apresentado sua versão. Para o resumo listado no quadro 1, preferimos pelos elementos textuais verbais de uma matéria que costumam ser mais marcantes ou sintetizar o discurso que o conjunto da notícia apresenta. Por isso, constam no referido quadro o título e o lide (lead) dos textos:

No quadro a seguir (1), é apresentado um resumo de como cada um desses sites citados noticiou o episódio. Dos quatro sites listados, o primeiro a noticiar foi o da Folha de S. Paulo (12h08). O horário é anterior ao da versão dada, às 12h22, pelo MST (quadro 2). Já a matéria do G1 foi ao ar às 15h11; a do Estado de São Paulo (Estadão), por sua vez, às 16h20. O texto da Agência Brasil foi publicado às 17h55. Ou seja, com exceção da matéria da Folha de S. Paulo, todas as demais vieram depois

<sup>9</sup> De acordo com versão oficial da Polícia Civil do Paraná, publicada na agência de notícias do Governo do Estado, “a investigação (...) começou em março de 2016, após reuniões na Secretaria da Segurança Pública do Paraná, em Curitiba, nas quais foram relatadas uma série de denúncias de supostos crimes no município de Quedas do Iguaçu”. Disponível em <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=91485>>. Acesso em 13/12/2016.

que o MST já tinha apresentado sua versão. Para o resumo listado no quadro 1, preferimos pelos elementos textuais verbais de uma matéria que costumam ser

mais marcantes ou sintetizar o discurso que o conjunto da notícia apresenta. Por isso, constam no referido quadro o título e o lide (lead) dos textos:

### [ Quadro 1 ]

#### Invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes noticiada por portais

Site	Título da matéria	Início da matéria (Lide)
FOLHA DE S. PAULO	Operação policial em escola do MST tem confronto e dois sem-terra detidos	Uma operação deflagrada pela Polícia Civil de São Paulo na manhã desta sexta-feira (4) na escola nacional Florestan Fernandes, [sic] terminou em confronto com militantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e dois detidos.
O ESTADO DE SÃO PAULO	Escola de formação do MST é alvo de ação policial, no interior de São Paulo	GUARAREMA - A Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), de formação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), foi alvo de ação policial nesta sexta-feira, 4. Segundo a Secretaria de Estado de Segurança de São Paulo, a diligência foi executada pela Polícia Civil de Mogi das Cruzes, a pedido da Polícia Civil do Paraná, para cumprir um mandado de prisão contra Margareth Barbosa de Souza, que estaria na escola. De acordo com a instituição, Margareth não se encontrava no local nem teria relação com a escola.
G1	Polícia Civil faz operação contra integrantes do MST em 3 estados	A Polícia Civil do Paraná faz uma operação na manhã desta sexta-feira (4) contra integrantes do MST suspeitos de participar de uma organização criminosa investigada por furto e dano qualificado, roubo, invasão de propriedade, incêndio criminoso, cárcere privado e porte de arma ilegal, entre outros crimes. De acordo com a polícia eles mantinham uma espécie de milícia privada. A ação foi batizada de "Castra", que traduzido do latim significa latifúndio, e ocorre em Quedas do Iguaçu, Francisco Beltrão e Laranjeiras do Sul, no Paraná; e também em São Paulo e em Mato Grosso do Sul.
AGÊNCIA BRASIL	Oito pessoas são presas pela Polícia Civil do Paraná em operação contra o MST	Oito pessoas foram presas hoje (4) na Operação Castra, deflagrada pela Polícia Civil do Paraná. A operação tem como alvo integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A Justiça autorizou o cumprimento de 14 mandados de prisão preventiva nas cidades de Quedas do Iguaçu, Francisco Beltrão e Laranjeiras, no interior do Paraná; e em São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Fontes diversas<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> As matérias completas estão disponíveis no seguintes endereços: i) Folha de S. Paulo: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1829300-policia-cerca-escola-de-sem-terra-no-interior-de-sp.shtml>>; ii) O Estado de São Paulo: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,policia-invade-escola-de-formacao-do-mst-no-interior-de-sao-paulo,10000086427>>; iii) G1: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/11/policia-civil-faz-operacao-contra-integrantes-do-mst-em-3-estados.html>>; iv) Agência Brasil: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-11/policia-civil-do-parana-prende-oito-pessoas-em-operacao-contra-o-mst>>. Acessos em 13/12/2016.

O mesmo episódio de que tratam as matérias listadas no quadro 1 foi assim noticiado pelo MST<sup>11</sup> em seu site:

[ Quadro 2 ]  
**Notícia da invasão policial  
 na Escola Nacional Florestan  
 Fernandes produzida pelo MST**

Título	Polícia invade ENFF sem mandado de busca e apreensão
Lide	Na manhã desta sexta-feira (04), cerca de 10 viaturas da polícia civil invadiram a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) em Guararema, São Paulo. De acordo os relatos, os policiais chegaram por volta das 09h25, pularam o portão da Escola e a janela da recepção e entraram atirando em direção às pessoas que se encontravam na escola. Os estilhaços de balas recolhidos comprovam que nenhuma delas são de borracha e sim letais.

Pertinente fazer a seguinte observação: o link da matéria do Estadão<sup>12</sup> indica que antes da versão definitiva uma outra chegou a ir ao ar com uma narrativa diferente, que convergia com a versão noticiada pelo MST. Isso é perceptível porque o link traz termos os quais mostram que a chamada da matéria ressaltava a “invasão” da escola, e não uma simples operação policial como a posteriori foi enfatizado no texto.

Por alguma razão que não se pôde averiguar para esta pesquisa, o texto

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2016/11/04/policia-invade-enff-sem-mandato-de-busca-e-apreensao.html>>. Acesso em 13/12/2016.

<sup>12</sup> O link é o seguinte: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,policia-invade-escola-de-formacao-do-mst-no-interior-de-sao-paulo,10000086427>>. Acesso em 13/12/2016.

original foi alterado. Como link gerado indica que a matéria primeira chegou a ser publicada, caso tal link também fosse modificado, aquele já criado e em circulação, ao ser buscado, não seria encontrado pelo internauta (o site acusa como “página não encontrada” ou algum erro similar). Isso prejudicaria o acesso ao site e, em termos comerciais, representaria perda de “consumidores” do conteúdo; por tabela, perda de visibilidade para anúncios. Logo, a opção comum em casos assim é modificar o conteúdo, mas manter o link original, ainda que o link traga léxicos excluídos com as modificações.

Consideramos relevante apresentar tal explicação porque esse ocorrido ilustra os padrões de manipulação na grande imprensa abordados por Abramo (2016 [1988]), dos quais resultam narrativas em conflito com a realidade factual –, e portanto, passíveis de desconstrução, ou de contraponto, por parte de atores de mídia alternativa, entre os quais o MST.

Partimos, agora, para a análise dialógica do discurso sobre como o Movimento lançou mão do *twitter* para engendrar um contradiscurso ao que vinha sendo dito pela mídia tradicional, a respeito da invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes.

## O MST como força centrífuga ao discurso da mídia hegemônica

Ao se enunciar, relatando o episódio, praticamente ao mesmo tempo em que o fato era noticiado pelos sites de conteúdo

jornalístico, porém com um contradiscurso àquela narrativa da mídia hegemônica, identificamos a ocorrência daquilo que Bakhtin (2014 [1920-1970]) define como as **forças centrífugas** em ação desestabilizando o poder das **forças centrípetas** da linguagem. O entendimento bakhtiniano, construído a partir de reflexões em torno do gênero literário romance, identifica as forças centrípetas como aquelas oficiais e hegemônicas, que agem no sentido de dar à língua uma centralidade, uma padronização, uma unicidade que esconde justamente o plurilinguismo, os múltiplos estilos e vozes da linguagem. Em contraposição, forças outras atuam de modo a desestabilizar essa centralidade e unificação, buscando desconstruir a hegemonia estabelecida. São as centrífugas.

Em torno do episódio em questão – a invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes – identificamos nos discursos (isto é, na linguagem) essa disputa nas relações sociais, políticas e ideológicas no embate de narrativas. Enquanto de um lado temos, nas narrativas, as forças centrípetas representadas pela mídia hegemônica e suas enunciações que buscam tornar o discurso da ocorrência da operação policial como o dominante, único válido, temos de outro lado as forças centrífugas – operadas por diversos atores sociais, aqui representados pelo MST – empenhando-se em desestabilizar o discurso que se alça como o centralizador, o único, o predominante.

Enquanto no site do MST a ênfase em torno do episódio é dada ao fato de a operação policial ocorrida na Escola Nacional Florestan Fernandes ter se desenrolado “sem mandado de busca e

apreensão” (o que seria ilegal e, portanto, gravíssimo), nos demais veículos de comunicação isso foi ignorado/omitido nos elementos de destaque da notícia (título, subtítulo/lide, foto principal e legenda). Tanto em O Estado de São Paulo, como no G1 e na Agência Brasil, os elementos de destaque se restringem a relatar uma operação policial como se esta tivesse ocorrido dentro da normalidade.

Apenas no oitavo parágrafo, de um total de 12, o texto da Agência Brasil vai mencionar a possível falta de mandado judicial por parte da polícia em Guararema. Está na referida matéria: “(...) *Em nota, o movimento diz que a polícia entrou no local sem apresentar mandado judicial. ‘O MST repudia a ação da polícia de São Paulo e exige que o governo e as instituições competentes tomem as medidas cabíveis nesse processo. Somos um movimento que luta pela democratização do acesso à terra no país e a ação descabida da polícia fere direitos constitucionais e democráticos’, diz o comunicado*”. Note-se que o texto não assume a denúncia da ilegalidade; apenas “terceiriza” essa denúncia para o MST, ao reenunciar a fala do Movimento.

Fundamental contextualizar o momento vivido pela EBC, mantenedora da Agência Brasil, quando do episódio aqui analisado. Àquela altura, o governo federal, já comandado por Michel Temer (o vice-presidente que assumira definitivamente em agosto de 2016, depois que a titular, Dilma Rousseff, foi destituída por um impeachment notadamente golpista<sup>13</sup>),

---

<sup>13</sup> Sobre esse entendimento, recomendamos assistir a “O processo”, documentário de Maria Augusta Ramos (Brasil/Alemanha, 2018).

descaracterizava o caráter público e plural do jornalismo dos veículos da EBC, buscando torná-los uma agência de comunicação estatal. Assim, não só os atos oficiais predominavam, como o ponto de vista do grupo político que usurpara o poder passou a ser imposto ao noticiário dos canais da EBC<sup>14</sup>, ainda que seu corpo de profissionais resistissem à interferência e censura oficiais.

Tal como a Agência Brasil, os demais veículos se limitaram, em suas matérias, a reproduzir trechos de nota do MST, a qual fala da “ilegalidade” da operação. Não fazem, porém, menção explícita à denúncia de que a polícia paulista não dispunha de ordem para entrar à força na Escola Nacional Florestan Fernandes. É como se tais veículos se abstivessem, diante de seus interlocutores, de corroborarem ou não a denúncia. É o que diz, por exemplo, este excerto da matéria da Folha de S. Paulo: “(...) Segundo o MST, a ação foi ilegal. ‘O MST repudia a ação da polícia de São Paulo e exige que o governo e as instituições competentes tomem as medidas cabíveis nesse processo. Somos um movimento que luta pela democratização do acesso a terra no país e a ação descabida da polícia fere direitos constitucionais e democráticos’, afirmou, em nota.” O texto da Folha de S. Paulo não expõe o motivo pelo qual o MST classifica a ação como “ilegal”. Traz apenas relatos de integrantes do Movimento se queixando da

truculência dos policiais, inclusive contra um trabalhador sem terra portador de Mal de Parkinson, e ameaçando chegar a uma área onde se situa o parquinho para crianças. Ou seja, embora o referido jornal até dê voz ao MST, minimiza-a com a opção lexical assumida; afinal, ao dizer “segundo o MST” (e não, por exemplo, “a reportagem apurou”, como costuma ocorrer), deixa para que os interlocutores, de acordo com a confiança que tenham ou não no Movimento, acreditem ou não na ilegalidade da operação denunciada. No máximo, podem vir a concordar com a truculência, porém sem enxergar a ilegalidade preexistente, “alegada” pelo Movimento.

Dessa forma, as primeiras manifestações do MST no *twitter* sobre o acontecimento em Guararema, com o intuito de descentralizar a narrativa que homogeneizava nos meios de comunicação tradicional, ocorreram no final da manhã de 4 de novembro de 2016. Em um intervalo de pouco mais de meia hora (11h27 às 12h09), foram quatro enunciações (tuítes) do MST. Todas elas com construção lexical bastante semelhante, em estilo objetivo, direto, denunciando a “invasão” da mencionada escola, e não “operação policial”, como se referiram os portais noticiosos tradicionais.

Ao classificar como “invasão”, apenas com esta palavra o MST já expõe a ilegalidade da ação, detalhada mais adiante com a explicação de que não havia ordem judicial para aquela ação, e criticando a truculência dos agentes. Por sua vez, o termo “operação policial”, optado pela imprensa hegemônica, transmite de imediato uma impressão de normalidade, de execução de uma atividade de rotina, de uma investigação em prol de uma (alegada) segurança pública.

---

14 A ingerência do governo de Temer começara antes mesmo de sua posse em definitivo. Em maio de 2016, com Dilma afastada pelo Senado enquanto o processo do impeachment se desenrolava, o vice, em exercício da Presidência, tomava medidas que descaracterizavam a EBC. Ver em <<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/17/temer-exonera-presidente-da-ebc-decisao-seria-ilegal/>>. Acesso em 09/12/2018.

Destacamos a seguir, na figura 1, o terceiro dos quatro tuítes, porque, tecendo o discurso da “invasão”, o MST enunciou-se sincretizando o texto verbal (a palavra “invasão”, precisamente) e fotografia, a qual mostra um policial (supõe-se) apontando uma arma para possíveis integrantes ou militantes do Movimento:

[ Figura 1 ]  
Tuíte do MST que busca  
“provar” a invasão da ENFF



Fonte: [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial)

Salientamos que, além de informar a invasão (“Polícia invade a @ENFF\_Oficial”), a enunciação do Movimento convoca seu auditório social (isto é, interlocutores com os quais está dialogando no *twitter* – os seguidores do perfil do MST) a se solidarizar, como indica a *hashtag* “#TodoApoioAoMST”. Além disso, ao afirmar que “#LutarÉUmDireito”, responde a um histórico de discursos ditos sobre o MST, os quais questionam – ou, em verdade, condenam – a forma de atuação do Movimento, criminalizando-o.

Mas retomemos ao sincretismo da linguagem, em que a opção lexical “invade”

busca ser confirmada pela fotografia constituinte do enunciado em questão – a imagem do possível agente apontando uma arma para outras pessoas. O recurso multissemiótico – a palavra invade e a fotografia – fortalece o discurso construído na enunciação. É como se a imagem “provasse” aquilo que as palavras expressam.

Imaginemos que a enunciação fosse produzida apenas com o texto verbal escrito (“Polícia invade a @ENFF\_Oficial”). Soaria como um informe, pelo qual se poderia questionar sobre quais parâmetros o MST considerou se tratar de uma “invasão” da polícia, uma vez que em outras narrativas (da imprensa hegemônica) tal versão é abordada como um mero ponto de vista do Movimento. No entanto, a fotografia constituinte do enunciado apresenta ao interlocutor uma imagem cujos elementos – um homem, provavelmente um policial, apontando uma arma para um grupo de pessoas aparentemente na defensiva – constrói o significado da “invasão”.

Como aponta Santaella (2007, p. 24), as novas formas de interação comunicativa, viabilizadas e fomentadas pelas redes sociais digitais, demandam linguagem múltiplas: “Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se”. Assim, ao se discursar por uma rede social de comunicação interativa como o *twitter*, ganha força, relevância o enunciado que se compõe das mais variadas linguagens. Mostra disso é que, durante uma semana – do dia da invasão, 4 de novembro, até 11 de novembro – o MST produziu em seu perfil no *twitter* 150 textos/enunciados sobre o evento. Praticamente todos os tuítes se mostravam como enunciados

multissemióticos, isto é, sincretizando múltiplas linguagens – os até 140 caracteres de texto verbal escrito, fotografia e vídeos.

Nesse universo de tuítes produzidos pelo MST, é frequente a ocorrência do **enquadramento** de vozes ou discursos de outrem, de que fala Bakhtin (2014 [1920-1970]). Dos 150 tuítes, 20% deles se referem aos chamados “RTs” (“retuítes”) - que, como explicamos anteriormente, são os textos/enunciados (tuítes propriamente ditos) produzidos por terceiros e que são republicados (“retuitados”) por um determinado perfil. Temos, pois, o retuíte como um “enquadramento” de um discurso outro, seja como forma de referendar aquele discurso, seja como forma de rechaçar ou colocar para reflexão a seu auditório; seja ainda para ironizar ou denunciar alguma aberração (uma distorção absurda dos fatos, por exemplo).

Os enunciados de terceiros que o MST retuitou – um total de 30 – ao serem enquadrados pelo Movimento materializam um discurso que reforça a narrativa que o MST fez do episódio em suas primeiras enunciações sobre o evento, qual seja a de que a Escola Nacional Florestan Fernandes tinha sido alvo de uma invasão por forças policiais. Esses enunciados reenquadrados nem sempre expressam a palavra “invasão”, mas manifestam “apoio”, “solidariedade” ao Movimento – denotando, pois, enxergarem a “operação” como, em verdade, uma ação violenta contra integrantes do MST, em sua escola de formação. Como diz Bakhtin (2014 [1920-1970]), o enquadramento representa, entre outras características, a manifestação explícita da **relação dialógica, que é inerente à linguagem**, de acordo com a concepção bakhtiniana:

A palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão); o grau de influência mútua do diálogo pode ser imenso (...) Assim como a formação, também o enquadramento do discurso de outrem (...) exprimem um ato único de relação dialógica com este discurso, o qual determina todo o caráter da transmissão e todas as transformações de acento e de sentido que ocorrem nele no decorrer desta transmissão. (BAKHTIN, 2014 [1920-1970], p. 141).

A entonação e o sentido das enunciações primeiras são realçados pelo enquadramento aplicado pelo MST, e esse realce ocorre muito em função dos autores daquelas enunciações primeiras. São instituições, artistas, lideranças sociais e políticas de considerável envergadura para a arena discursiva em que os tuítes do MST circulam e para o auditório social com o qual o Movimento dialoga. Por mais que, no enquadramento, o MST em nada altere a postagem original (ela é reproduzida, por meio do retuíte, sem modificações – o retuíte é uma simples replicação do tuíte primeiro) – a enunciação reenquadrada ganha um significado reacentuado, impactante, uma outra força valorativa, em função do contexto em que se (re)apresenta. Conforme observa Bakhtin (2014 [1920-1970], p. 141), “por maior que seja a precisão com que é transmitido, o discurso de outro incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado”.

Essa ressignificação de entonação e valorativa ocorre também porque uma enunciação (uma postagem no *twitter*, para exemplificarmos com base no caso aqui estudado) é definida levando-se em conta quem participa

de determinada interação discursiva, ou seja, quem são interlocutores (auditório social) de certa conversação. É balizada também pelo que já foi dito sobre o tema e pelas possíveis respostas a surgirem. Senão vejamos.

Temos uma situação bem pontual – a operação/invasão policial da Escola Nacional Florestan Fernandes – e participantes da interação discursiva de esferas distintas (imprensa tradicional, imprensa alternativa, lideranças políticas, artistas, intelectuais), em uma arena discursiva acirrada (a palavra como espaço de luta de classes e de interesses intensa). Ao enquadrar uma enunciação primeira, para constituir a sua, o MST leva em conta não só o enunciado a ser enquadrado, mas discursos em

torno daquele assunto concomitantemente sendo produzidos pelos demais “participantes do ato de fala”. A figura 2 trata de um caso de ressignificação de tom e valor do enunciado original, depois de enquadrado pelo MST. Temos dois tuítes do ex-presidente Lula, que foram apenas retuitados – isto é, o Movimento não alterou em nada o conteúdo do texto original, somente o replicou a seus seguidores no *twitter*. No entanto, no auditório social em questão, aquele enunciado, “do Lula!”, encampado pelo MST, e em sintonia com o discurso do Movimento, se reacentua consideravelmente. Para os interlocutores simpatizantes do ex-presidente, a fala do MST ganha em credibilidade; aos antipáticos, o descrédito se reafirma.

### [ Figura 2 ]

#### Tuítes de Lula em solidariedade ao MST.



Fonte: twitter.com/MST\_Oficial

As palavras do ex-presidente Lula, nos tuítes reproduzidos na figura 2, ocorreram um dia depois do acontecido na Escola Nacional Florestan Fernandes, durante um ato em solidariedade ao Movimento, na própria escola. Os enunciados de Lula reenquadrados endossam o contradiscurso do MST à narrativa da mídia hegemônica sobre a invasão do espaço e ao discurso de criminalização de movimentos sociais como o MST. Isso está explícito na expressão *#LutarNãoéCrime*, uma resposta ao discurso recorrente na mídia hegemônica de criminalização do Movimento, e à própria operação policial, marcada pela invasão de agentes, pela truculência, pela arma em punho apontada a integrantes do movimento (figura 2) – como se fossem ‘criminosos’, ‘bandidos’ perigosos, prestes a atacar as forças de ‘segurança pública’. Implicitamente, está também no ambiente de conagração,

harmonia, emoção denotados pela fotografia que constitui um dos enunciados, e frisado nas palavras do ex-presidente, quando diz “estar linda” a Escola Nacional Florestan Fernandes, “do @MST\_Oficial”, conforme enfatiza a postagem.

Na figura 3, a seguir, um outro caso de enquadramento que valora o discurso alheio a partir da relevância (posição social) que o autor do texto primeiro tem perante o auditório social daquele enunciado. O autor em questão é o ator Wagner Moura, militante de causas ambientais e sociais, e que em diversas outras oportunidades já havia declarado admiração pelo MST, pela sua luta, sua historicidade, sua forma de atuação. Todo o histórico de já-ditos por Wagner Moura, portanto, torna o ator figura conhecida entre os interlocutores habituais do Movimento:

### [ Figura 3 ]

#### Discurso reenquadrado, do ator Wagner Moura



Fonte: [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial)

O pronunciamento de Wagner Moura sobre a invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes se deu no mesmo dia do evento. Foi reenquadrado pelo MST a partir de um enquadramento anterior – feito pelo perfil da Central dos Trabalhadores do Brasil (@portalCTB) no *twitter*. O ator fala por meio de um vídeo, em que manifesta solidariedade ao MST e reafirma o discurso da ilegalidade da operação policial difundido pelo Movimento, ao considerar a operação um “ataque”. Mais do que o texto verbal escrito “@WagnerMoura”, o reenquadramento lança mão da imagem do ator.

O rosto, em close, reproduzido no *frame* do vídeo, põe Wagner Moura em diálogo face a face com o interlocutor do MST.

Esses dois retuítes dados pelo MST (figuras 2 e 3), e outros 28, sobre a invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes, têm como autores perfis de pessoas físicas ou de organizações sociais, veículos de mídia alternativa e figuras políticas alinhados às bandeiras de luta do Movimento, e de significativa representatividade e peso no espectro político, ideológico e partidário de esquerda. Listamos alguns deles no quadro 3:

### [ Quadro 3 ]

#### Retuítes do MST sobre a invasão da Escola Nacional Florestan Fernandes

Autor	Enunciação multissemiótica
<b>@LulaPeloBrasil</b> (Ex-presidente Lula)	Texto verbal escrito “Escola Nacional Florestan Fernandes do @MST_Oficial está linda! Solidariedade ao MST! #Lutarnãoécrime” sincretizado a fotografia do ato em solidariedade ao MST, ocorrido na Escola Nacional Florestan Fernandes em 05/11/2016
<b>@dilmabr</b> (Ex-presidente Dilma Rousseff)	Texto verbal escrito “Dilma: Não vamos ficar calados diante da banalização da violência do Estado <a href="https://goo.gl/D2VZCv">https://goo.gl/D2VZCv</a> #SolidariedadeAoMST” sincretizado a hiperlink para nota assinada por Dilma Rousseff, publicada em seu blog.
<b>@luizaerundina</b> (Deputada federal Luiza Erundina, PSOL-SP)	Textos verbais escritos “1. Repudiamos veementemente a arbitrariedade da Polícia de SP que invade escolas, como aconteceu ontem à noite na Escola Paula Souza (...) 2. E hoje cedo, na Escola Nacional Florestan Fernandes, inclusive sem autorização judicial. (...)”, sem outros elementos semióticos.
<b>@PortalCTB</b> (Central dos Trabalhadores do Brasil)	Texto escrito “@WagnerMoura se solidariza com @MST_Oficial ataque na Escola Nacional Florestan Fernandes. #LutarÉumDireito [+] <a href="http://alturl.com/t5jrp">http://alturl.com/t5jrp</a> ”, sincretizado com vídeo de 31 segundos com depoimento do ator Wagner Moura, “de absoluto repúdio ao acontecimento”, e hiperlink para matéria no portal da CTB sobre a manifestação do ator.
<b>@j_livres</b> (coletivo Jornalistas Livres)	Texto verbal escrito “Polícia visa prender militantes do MST, reeditando a tese de que movimentos sociais são organizações criminosas <a href="http://www.mst.org.br/2016/11/04/(...)">http://www.mst.org.br/2016/11/04/(...)</a> ”, sincretizado com vídeo de 54 segundos com imagens da invasão e da truculência policial, mais hiperlink para matéria na página do MST sobre a invasão.
<b>@LindbergFarias</b> (senador Lindberg Farias, PT-RJ)	Texto verbal escrito “As cenas do vandalismo da polícia: trata-se de uma INVASÃO CRIMINOSA com disfarce de operação. A ENFF é uma escola!”, sincretizado com vídeo de 50 segundos com imagens da invasão e da truculência policial.

Autor	Enunciação multissemiótica
@agenciapublica (Agência Pública - agência de notícias)	Texto verbal escrito “Polícia invade Escola Florestan Fernandes, do MST, sem mandado judicial. <a href="http://www.mst.org.br/2016/11/04/policia-invade(...)">http://www.mst.org.br/2016/11/04/policia-invade(...)</a> ”, sincretizado com foto de uma bala de armamento segurada possivelmente por um integrantes do movimento, mais hiperlink para matéria na página do MST sobre a invasão.
@MidiaNINJA (coletivo Mídia Ninja)	Texto verbal escrito “Em ação arbitrária policiais levam 2 pessoas detidas na Escola Nacional Florestan Fernandes, do @MST_Oficial”, sincretizado com foto de policiais armados na área externa da escola. Há uma pessoa (possivelmente integrante do movimento) caído ao chão.
@VIOMUNDO (Blog Vi o Mundo)	Texto verbal escrito “Policiais invadem escola do MST; já entraram atirando, havia crianças e idosos no local; veja o vídeo <a href="http://www.viomundo.com.br/denuncias/policiais-invadem(...)">http://www.viomundo.com.br/denuncias/policiais-invadem (...)</a> via @viomundo”, sincretizado com foto de policial apontando arma para integrantes do MST, mais hiperlink para matéria na página do Vi o Mundo, com dois vídeos mostrando a invasão e a truculência policial.

Fonte: [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial).

Tanto as duas enunciações reproduzidas (figuras 1, 2 e 3) como os tuítes listados no quadro 3 confirmam o enquadramento de discursos de outrem como uma regularidade identificada nesse projeto de dizer do MST – qual seja, o de engendrar uma contra-narrativa à narrativa dos veículos jornalísticos hegemônicos. São textos primeiros cujas mensagens, opiniões e posicionamentos neles expressos coadunam com as do Movimento. Infere-se que, ao encampar e reenunciar vozes assim, o MST busca evidenciar que a sua voz é, de certa forma, chancelada e tem validade na perspectiva de políticos, organizações, intelectuais e veículos de mídia com significativa representatividade social.

Ou seja, o MST traz vozes outras que corroboram com o seu horizonte valorativo, validam esse enunciado na cadeia de comunicação discursiva, constituída a partir do evento específico (invasão da “Florestan Fernandes” pela polícia). Parece, igualmente, obter um **excedente de visão** (Bakhtin, 2003 [1979]):

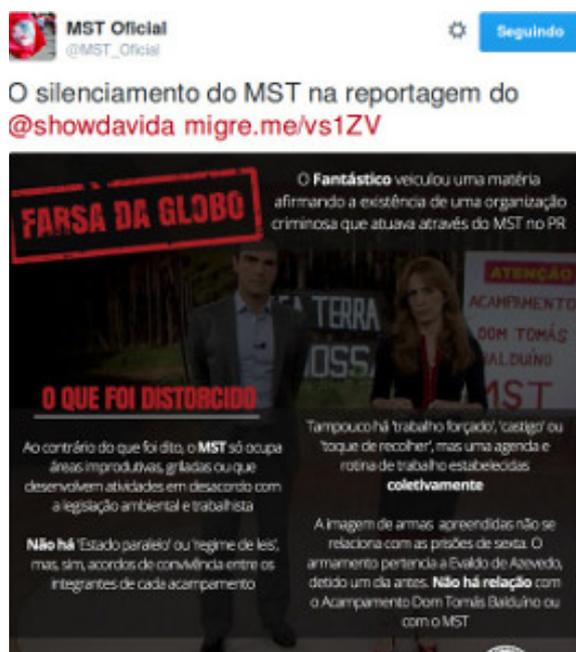
identificar como vozes, sujeitos – também instituições – outros se manifestam acerca de temas, acontecimentos afeitos diretamente ao próprio MST, de modo a colaborar para reforçar/acentrar seu discurso – e, por conseguinte, sua identidade de movimento social.

Volochínov (2013 [1920-1930] p. 159), ao definir como “auditório da enunciação” a “presença dos participantes da situação” nos faz compreender o porquê da importância, para o MST, de se enunciar enquadrando discursos de interlocutores os quais, para certo auditório, o que dizem têm relevância considerável. Se cada enunciação “é sempre voltada para o outro” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1920-1930]), a seleção dos discursos a serem enquadrados tende, evidentemente, a antever a reação desse outro – e no caso aqui estudado, identifica-se a intenção de outro entender a narrativa do MST (“invasão policial”, e não “operação policial”), como a narrativa fidedigna à realidade dos fatos, e quiçá reverberar tal discurso.

Em todos os nove casos listados no quadro 3 identificamos a materialização daquilo que o Círculo Bakhtin sublinha como essência da linguagem: o **dialogismo**. Quando o MST - por autoria própria ou endossando ou assumindo a autoria de terceiros - enfatiza ou mobiliza certas escolhas lexicais em suas postagens, tais como “invasão”, “sem mandado”, “havia crianças e idosos no local”, “lutar é um direito”, “lutar não é crime”, ele estabelece relações dialógicas com o já dito acerca do Movimento, sua luta, sua estratégia de atuação. Mobilizando enunciações próprias ou originalmente de terceiros, mas reenquadradas, o MST está reagindo, respondendo a enunciados já ditos,

[ Figura 4 ]

Tuíte em diálogo com o “Fantástico”



Fonte: [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial)

Os tuítes reproduzidos nas figuras 4 e 5 foram publicados em 8 de novembro de 2016, dois dias depois de uma reportagem sobre o MST e a referida operação ter sido exibida pelo programa televisivo dominical “Fantástico”, da Rede Globo. De forma

carregados de discursos outros os quais o Movimento busca rechaçar, contestar. Não são enunciados neutros, tampouco nascidos do vácuo social - emergem de discursos já manifestados no horizonte social/axiológico, que vem a ser a dimensão social do texto/enunciado e da própria identidade social do MST. É o enunciado sendo moldado “**por aquilo-de-que-já-se-falou**” (EMERSON e MORSON, 2008, p.152).

Ademais do enquadramento abordado, outras duas enunciações do MST ainda relacionadas à Operação Castra retratam com precisão as **relações dialógicas** inerentes à linguagem:

[ Figura 5 ]

Contradiscursão à narrativa do “Fantástico”



Fonte: [http://twitter.com/MST\\_Oficial](http://twitter.com/MST_Oficial)

direta, os dois textos/enunciados são uma reação-resposta à reportagem; uma **réplica**:

*A réplica de qualquer diálogo encerra esta dupla existência: ela é construída e compreendida no contexto de todo o diálogo,*

o qual se constitui a partir de suas enunciações de outrem (partes). Não é possível retirar uma réplica deste contexto misto de discursos próprios e alheios sem que se perca o sentido e seu tom, ela é uma parte orgânica de um todo plurivocal. (BAKHTIN, 2014 (1920-1970), p. 92)

Por isso, nessa relação dialógica explícita, imprescindível identificarmos a esfera discursiva e os efeitos dessa esfera nas enunciações dos sujeitos que a integram.

O MST traz em seus enunciados características enunciativas e discursivas comuns a organizações de campo semelhante – o campo da política, em particular dos movimentos sociais – e, de forma mais recortada ainda, a esfera discursiva dos movimentos sociais de esquerda. Logo, ao atuar como editor social, isto é, como um meio de comunicação – produtor de conteúdo jornalístico – o MST traz para seus textos opções estilísticas inerentes à esfera sociodiscursiva movimentos sociais de esquerda.

Já a reportagem questionada pelo MST foi produzida por uma emissora de televisão de propriedade privada. Por ser do gênero discursivo jornalístico do sistema de radiodifusão aberta<sup>15</sup>, espera-se certa “isenção”, “distanciamento”, “neutralidade” na exposição/narrativa do fato. Estas são características inerentes (ao menos em

tese) de uma reportagem jornalística. Mais ainda: espera-se pluralidade. O sistema de radiodifusão é de propriedade pública, como forma de assegurar o direito constitucional da nação brasileira de se comunicar socialmente. Sendo, pois, de propriedade pública – ainda que os canais sejam concedidos a instituições de várias naturezas (privadas, como a Rede Globo; estatais, públicas, terceiro setor) – o sistema deve ser utilizado para transmitir conteúdo plural, que atenda à diversidade nacional. Essa obrigatoriedade constitucional é dispensada em diversas outras instâncias, como esferas discursivas em meios de comunicação outros que não os da radiodifusão aberta (jornais, revistas, boletins, cinema, internet). Tomar partido é opção aceita, entendida – desde que não travestida de isenção.

A reação-resposta do MST à reportagem do “Fantástico” deu-se no perfil do Movimento na rede social *twitter*. O editor social MST, em uma tecnologia informacional fora da radiodifusão aberta, exerce sua função de mídia alternativa. Nessa esfera sociodiscursiva – veículos de imprensa (e dentro dela a perspectiva de imprensa popular/alternativa) – há entendimento tácito de que a narrativa assume um ponto de vista, com engajamento em uma parte.

Por esse contexto, nos dois tuítes a opção lexical é por adjetivos que explicitamente denunciam vícios da outra parte – manifestos em termos como “#GloboGolpista” e “Farsa da Globo”. Dificilmente esses termos seriam manifestados se a reação-resposta tivesse sido veiculada na própria reportagem (no espaço para o “outro lado” dado ao MST, por exemplo) – pelo menos com tal entonação e força valorativas. Aqui entra o

<sup>15</sup> Sistema de emissoras de rádio e televisão abertas, isto é, de acesso gratuito pela população. De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil, os canais do sistema de radiodifusão pertencem à União (ou seja, são de propriedade pública), que podem ser operados, mediante concessão, por empresas privadas (tais como Globo, Record, Band), públicas (EBC, TV Cultura), estatais (TV Senado, TV Câmara), educativas ou universitárias.

horizonte social/axiológico como facilitador: o *twitter* (assim como outros instrumentos de comunicação interativa) é um espaço relativamente mais flexível para manifestações de posicionamento político, ideológico e social do que uma reportagem televisiva, sujeita a limitações impostas pela emissora, à edição (montagem, cortes) feitos para a finalização da reportagem, entre outras condições.

Há, pois, um contexto favorável, aderente a essa reação-resposta mais incisiva e combativa - em decorrência, sobretudo, da orientação social que toda palavra pronunciada tem (VOLOCHÍNOV, 2013 [1920-1930]). Essa orientação social é determinada pelos participantes do acontecimento. A escolha por termos “#GloboGolpista” e “Farsa da Globo” tem aderência entre os seguidores do perfil do MST no *twitter*, por exemplo. Reparamos também que nos tuítes reproduzidos nas figuras 5 e 6 o perfil do programa Fantástico no *twitter* (@showdavida) é “marcado” pelo MST. Há aí um **endereçamento** direto da mensagem; há praticamente também um chamamento do “@showdavida” para aquela conversa estabelecida pelo MST com seus interlocutores (seguidores na rede social e eventuais visitantes do perfil do Movimento).

Sobre todos os casos trazidos aqui (figuras 1, 2, 3, 4 e 5, e tuítes listados no quadro 3) podemos mobilizar também o entendimento bakhtiniano de **ideologia**, como propriedade elementar da linguagem. Não há texto/enunciado neutro; os discursos que os textos/enunciados expressam são carregados de valores, posicionamentos, ora mais explicitamente, ora de forma mais velada. As marcas ideológicas podem ser percebidas não

só na seleção do tema do texto/enunciado, como inegavelmente em seus aspectos técnicos (seleção do instrumento de materialização do discurso - no caso, o perfil no *twitter*) e estilísticos (escolha das palavras e expressões, articulação entre as orações; e ainda gráficos e ilustrações, quando se tratam de gêneros multissemióticos, como os tuítes), por exemplo. É “a palavra como arena de luta de classes” (VOLOCHÍNOV, 2013 [1920-1930], p. 21).

Ao expressar “#GloboGolpista”, o MST não fez uma opção apenas estilística (pela forma grafológica típica de um tuíte, isto é, a *hashtag* com palavras emendadas uma às outras), isenta de valor. Ao contrário: ao incluir a *hashtag* (#), o MST procurou dar visibilidade à sua postagem (*hashtags* são mecanismos de busca no *twitter*), pretendeu fazer aumentar a lista de textos/enunciados sobre o tema (portanto ampliar a repercussão em torno do “golpismo” da Globo). Logo, faz coro, dialoga também com o discurso de organizações que militam pela democratização das comunicações, e de movimentos política e ideologicamente alinhados a essas organizações. São agrupamentos sociais que alcunham de “golpista” a Rede Globo, lembrando o suporte que esse conglomerado deu à crise que culminou com o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, o mesmo apoio que deu dez anos depois (1964) à deposição de João Goulart, e relacionando esse histórico o fomento ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016. O #GloboGolpista pode ser entendido como um **etinema** (VOLOCHÍNOV, 2013 [1920-1930]), uma palavra-chave absolutamente familiar a determinado grupo social. Torna-se *hashtag* porque já carregada de valor social, é valorada - assume-se como signo.

## Considerações finais

---

Diante do exposto precedentemente, consideramos, antes de mais nada, que na condição de produtor e editor social o MST exerce uma prática de letramento digital<sup>16</sup> inerente à operacionalização da rede social digital *twitter*. Para a concepção de produtor social e editor social nos baseamos em Toro A. e Werneck (1998), que os definem, respectivamente, como atores sociais (no caso do MST, um ator social institucional) mobilizadores de uma causa, e como atores sociais que atuam como comunicadores.

Essa prática de letramento digital plenamente exercida é constatada quando identificamos que o MST lança mão dos mais variados recursos de linguagens que podem ser aproveitados no *twitter*. Por exemplo, quando o MST, enquanto produtor e editor social, recorre a vozes e discursos de terceiros e, pela referida rede social, logra êxito em reverberá-los – por meio dos tuítes ou, à luz da concepção bakhtiniana de linguagem, por meio, pois, do reenquadramento dessas vozes e discursos primeiros. Por exemplo também quando se enuncia explorando texto verbal escrito, imagens, vídeos, de modo multissemiótico.

Com a competência em lidar com a rede social digital em questão, o MST conseguiu de imediato contrapor o discurso emitido nos veículos jornalísticos

tradicionais sobre o episódio abordado – e mais que isso, angariou e inseriu em seu discurso vozes outras para em relativa rapidez reverberar tal discurso. Por mais que saibamos que as redes sociais digitais pertencem a grandes conglomerados do ciberespaço que, não raro, impõem políticas e práticas que restringem a comunicação democrática, plural, é possível aventar que se episódio semelhante ocorresse há dez, 12, 15 anos ou mais, o Movimento teria muito mais dificuldade em dar visibilidade à sua versão dos fatos, ao seu posicionamento sobre os acontecimentos<sup>17</sup>.

Ou seja, o discurso predominante segue sendo o dos meios de comunicação de propriedade de grandes conglomerados privados – integrantes, tais conglomerados, da elite do dinheiro. Todavia, as novas tecnologias informacionais e comunicacionais abriram maiores possibilidades de contestação dessa hegemonia; as *forças centrífugas* parecem adquirir mais intensidade e velocidade para desestabilizar o poder gerado pelas *forças centrípetas*. Para tanto, viu-se, é imprescindível aos produtores sociais e editores sociais o entendimento e domínio – o letramento digital – necessários ao aproveitamento das potencialidades dessas ferramentas.

Castells (2005 [2000], p. 277) diz que “A internet é a estrutura organizativa e o instrumento de comunicação que permite flexibilidade (...) da mobilização, mantendo

---

<sup>16</sup> A partir de Arroyo e Komesu (2016) e Kleiman (2014), entendemos como prática de letramento digital aquela em que o sujeito (ou, no caso, instituição) realiza um conjunto de práticas de letramento (por isso a expressão ‘multiletramento’, de Rojo (2013)) no processo de construção de sentidos por meio das novas tecnologias informacionais.

---

<sup>17</sup> A história registra uma série de atentados contra o MST e/ou contra assentamentos, acampamentos e militantes do Movimento. Um dos mais cruéis foi o de Eldorado dos Carajás, em 1997, quando, portanto, não existiam as tecnologias informacionais disponíveis hoje, para contraponto à narrativa dos veículos de comunicação empresariais tradicionais.

porém, ao mesmo tempo, um caráter de coordenação e uma capacidade de enfoque dessa mobilização”. De fato, o advento e a expansão da internet como meio de comunicação social viabilizaram outras formas de manifestação. Ainda assim, na tentativa de construir um contradiscurso ao discurso soberano (o da mídia empresarial hegemônica), atores sociais hostilizados por esse discurso, como o MST, continuam partindo da posição de refém dessa hegemonia, nas arenas discursivas. Começa o debate na defensiva, na condição de “o outro lado”, como quem “deve explicações”.

Não à toa, vimos, o MST procura em seus pares vozes e discursos que venham ao encontro de sua narrativa; chancelem, deem credibilidade ao seu projeto de dizer. Isso se evidencia no recorrente reenquadramento de discursos de atores sociais de envergadura diante de seu auditório social – os retuítos às manifestações de Lula, Wagner Moura, Dilma Rousseff e assim por diante.

O desafio que se coloca, entendemos, é o de ampliar o auditório social com o qual o Movimento dialoga diretamente. Um desafio que não é exclusividade do MST. Como tem se dito nestes tempos de acuumento dos movimentos sociais e de pensamentos políticos progressistas, é preciso “sair da bolha”. Trazer novos interlocutores para a conversa. Pelas condições que estão postas, abordadas no início deste artigo, a tarefa é árdua. A ameaça de criminalização oficial de trabalhadores sem terra ou sem teto é iminente. O discurso hegemônico construído ao longo do tempo pela velha mídia constrói ambiente que respalda essa criminalização. As novas tecnologias informacionais e comunicacionais representadas pelas redes sociais digitais massificadas

permitem a circulação do contradiscurso, mas aos mesmos interlocutores. A arena discursiva segue renhida e desfavorável aos que estão do lado esquerdo. ■

[ **WAGNER DE ALCÂNTARA ARAGÃO** ]

Jornalista e professor. Mestre em Estudos de Linguagens (UTFPR, 2018), com especialização em Ensino da Língua Portuguesa (UTFPR, 2009), licenciatura em Geografia (Faculdades Integradas Espírita, 2006) e graduação em Comunicação Social, bacharelado em Jornalismo (UniSantos, 2000).  
E-mail: [waasantista@protonmail.com](mailto:waasantista@protonmail.com)

## Referências

---

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016 [1988].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 7ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014 [1924-1970].

\_\_\_\_\_. **O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas**. In: BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (publicação original: Moscou, 1979).

BARBOSA, Alexandre. **A Comunicação do MST**: uma ação política contra-hegemônica. 2013. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRASIL, Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança** - movimentos sociais na era da internet. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **Internet e sociedade**. In: MORAES, Dênis de (org). Por uma outra comunicação - mídia, mundialização, cultura e poder. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005 [2000].

EGYPTO, Luiz. **Capitão Bolsonaro, a história esquecida**. 2011. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/capitao-bolsonaro-a-historia-esquecida/>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

EMERSON, Caryl. MORSON, Gary. **Criação de uma prosaística**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora USP, 2008.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Linguagem da internet**: um meio de comunicação global. In: MARCHUSCHI, Luiz Antônio e XAVIER, Antônio Carlos (organizadores). Hipertexto e gêneros digitais - novas formas de construção do sentido. 3ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

GIANNOTTI, Vito. **Muralhas da Linguagem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2009 [2004].

INTERVOZES. **Vozes silenciadas**: a cobertura da mídia sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

São Paulo: Intervezes, 2011. Disponível em: <<http://www.intervezes.org.br/arquivos/interliv003vozmst.pdf>>. Acesso em: 16/07/2017.

INTERVOZES; SEM FRONTEIRAS, Repórteres. **Quem controla a mídia no Brasil: Media Ownership Monitor**. 2017. Disponível em: <<http://brazil.mom-rsf.org/br/>>. Acesso em: 31/10/2017.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis de (org.). Por uma outra comunicação - mídia, mundialização cultural e poder. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007

SILVA, Uiara Chagas; SOUZA, Maurini. **O MST no Jornal Hoje: uma análise discursiva**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 55, n. 2, p.177-191, dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637297/5019>>. Acesso em: 02/06/2017.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

TEJERA, Marta H. **Ciberdemocracia e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: práticas comunicacionais no terreno da esfera pública virtual**. 2012. 230 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TORO A., José Bernardo. WERNECK, Nisia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Secretaria de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior, Unicef: 1997.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2013.